SONDAGEM

ICS / ISCTE

Outubro 2026
Parte 2



INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE LISBOA

Expresso

ÍNDICE

1. Ficha técnica 2
2. Prioridade de diferentes áreas de atuação 3
3. Em que medida o Orçamento do Estado para 2027 dá resposta à prioridade identificada? 5
4. Avaliação global do Orçamento do Estado para 2027 6
5. Avaliação da decisão de Carneiro de o PS se abster na votação do Orçamento do Estado 7
6. Impacto da decisão de Carneiro na sua liderança 8
7. Avaliação da evolução da economia do país 9
8. Avaliação do desempenho geral do governo 12
9. Chegou o momento de Montenegro fazer uma remodelação do governo? 15
10. Que ministros devem sair? 16
11. Preferências em termos de entendimentos para aprovar medidas legislativas nos próximos anos 18
12. Opinião sobre um governo de coligação entre o PSD e o PS 19
13. Opinião sobre um governo de coligação entre o PSD e o Chega 20
14. Avaliação da condições de diferentes figuras políticas para exercerem bem as funções de primeiro-ministro 21
    14.1 Total da Amostra 21
    14.2 Comparação inquiridos de esquerda vs. de direita 22
    14.3 Simpatizantes do Chega 23
    14.4 Simpatizantes do PS 24
    14.5 Simpatizantes do PSD 25
15. Avaliação da atuação recente de figuras políticas 26
    15.1 Total da Amostra 26
    15.2 Comparação inquiridos de esquerda vs. de direita 27
    15.3 Simpatizantes do Chega 28
    15.4 Simpatizantes do PS 29
    15.5 Simpatizantes do PSD 30

1. Ficha técnica

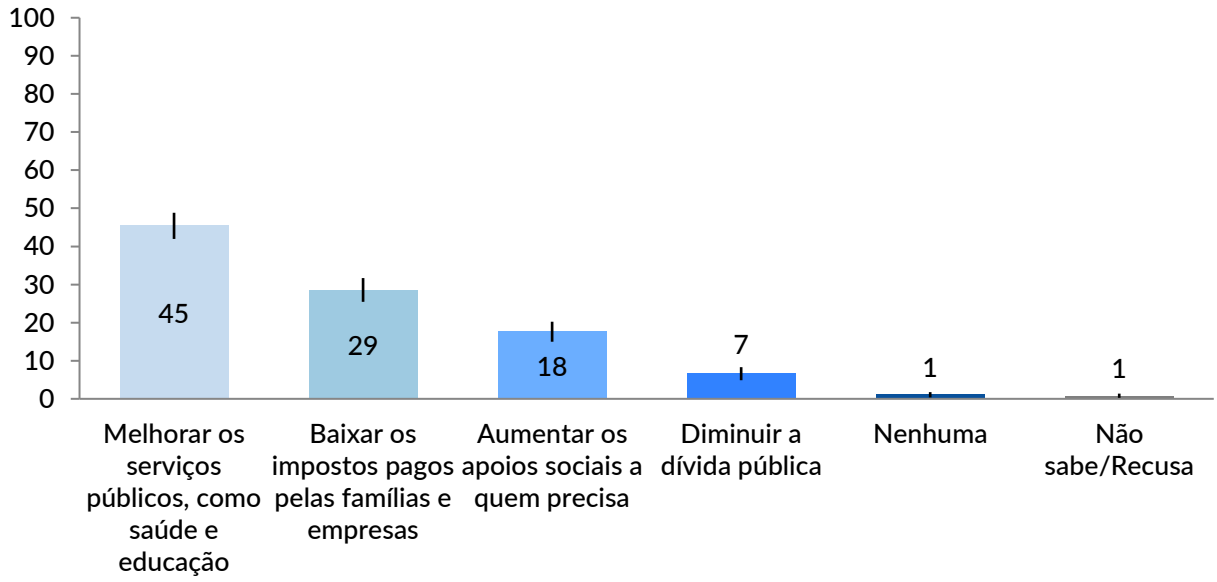
Este relatório baseia-se numa sondagem cujo trabalho de campo decorreu entre os dias 16 e 25 de outubro de 2026. Foi coordenada por uma equipa do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS-ULisboa) e do Iscte - Instituto Universitário de Lisboa (Iscte-IUL), tendo o trabalho de campo sido realizado pela GfK Metris. O universo da sondagem é constituído pelos indivíduos de ambos os sexos com idade igual ou superior a 18 anos e capacidade eleitoral ativa, residentes em Portugal Continental. Os respondentes foram selecionados através do método de quotas, com base numa matriz que cruza as variáveis Sexo, Idade (4 grupos), Instrução (3 grupos), Região (7 Regiões NUTS II) e Habitat/Dimensão dos agregados populacionais (5 grupos). A partir de uma matriz inicial de Região e Habitat, foram selecionados aleatoriamente 121 pontos de amostragem, onde foram realizadas as entrevistas de acordo com as quotas acima referidas.

A informação foi recolhida através de entrevista direta e pessoal na residência dos inquiridos, em sistema CAPI, e a intenção de voto recolhida através de simulação de voto em urna. Foram contactados 2900 lares elegíveis (com membros do agregado pertencentes ao universo) e obtidas 808 entrevistas válidas (taxa de resposta de 28%, taxa de cooperação de 41%). O trabalho de campo foi realizado por 38 entrevistadores, que receberam formação adequada às especificidades do estudo. Todos os resultados foram sujeitos a ponderação por pós-estratificação de acordo com a frequência de prática religiosa e a pertença a sindicatos ou associações profissionais dos cidadãos portugueses com 18 ou mais anos residentes no Continente, a partir dos dados da vaga mais recente do *European Social Survey* (Ronda 11). A margem de erro máxima associada a uma amostra aleatória simples de 808 inquiridos é de +/- 3,5%, com um nível de confiança de 95%.

Nos gráficos seguintes, todas as percentagens são arredondadas à unidade, podendo a sua soma ser diferente de 100%. Para mais informações sobre a metodologia destas sondagens, em particular sobre como interpretar as barras de erro associadas às estimativas, pós-estratificação amostral e a metodologia aplicada para lidar com "indecisos" e não-respostas em questões sobre intenção de voto, consultar o nosso site.

2. Prioridade de diferentes áreas de atuação

Prioridade de diferentes áreas de atuação: "para si, qual delas é a mais importante para o futuro do país?"
% em relação ao total da amostra.

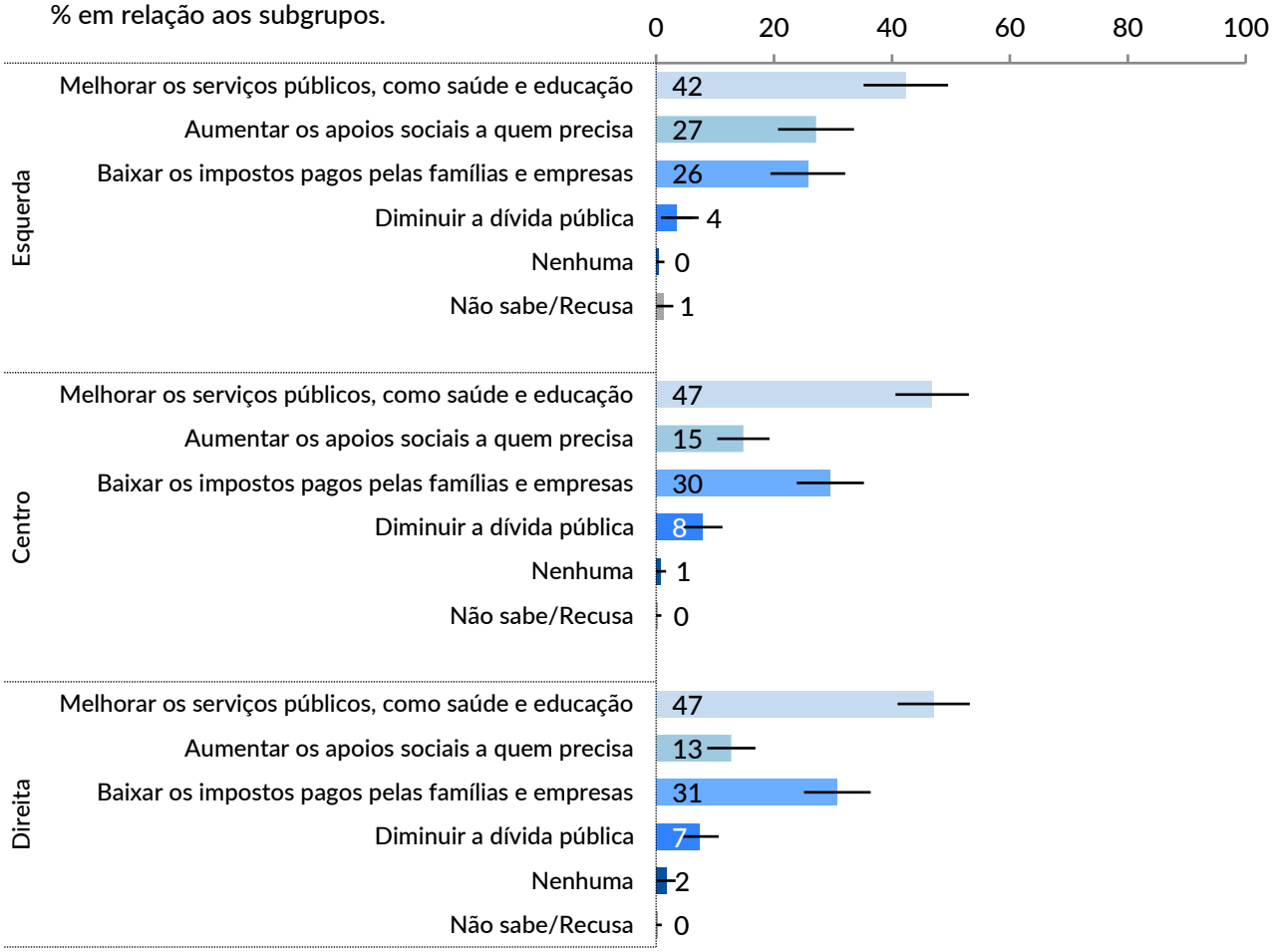


Recolha: 16 a 25 de outubro de 2026.

Quando perguntados sobre que áreas de atuação devem ser prioritárias tendo em conta o futuro do país, 45% dos inquiridos destacaram “melhorar os serviços públicos, como saúde e educação”. A segunda opção mais frequentemente selecionada foi a redução dos “impostos pagos pelas famílias e empresas” (29%), seguindo-se o aumento dos “apoios sociais a quem precisa” (18%). Nesta sondagem, a diminuição da dívida pública foi vista como prioritária por apenas 7% dos inquiridos.

"Qual destas áreas de atuação é a mais importante para o futuro do país?"

% em relação aos subgrupos.

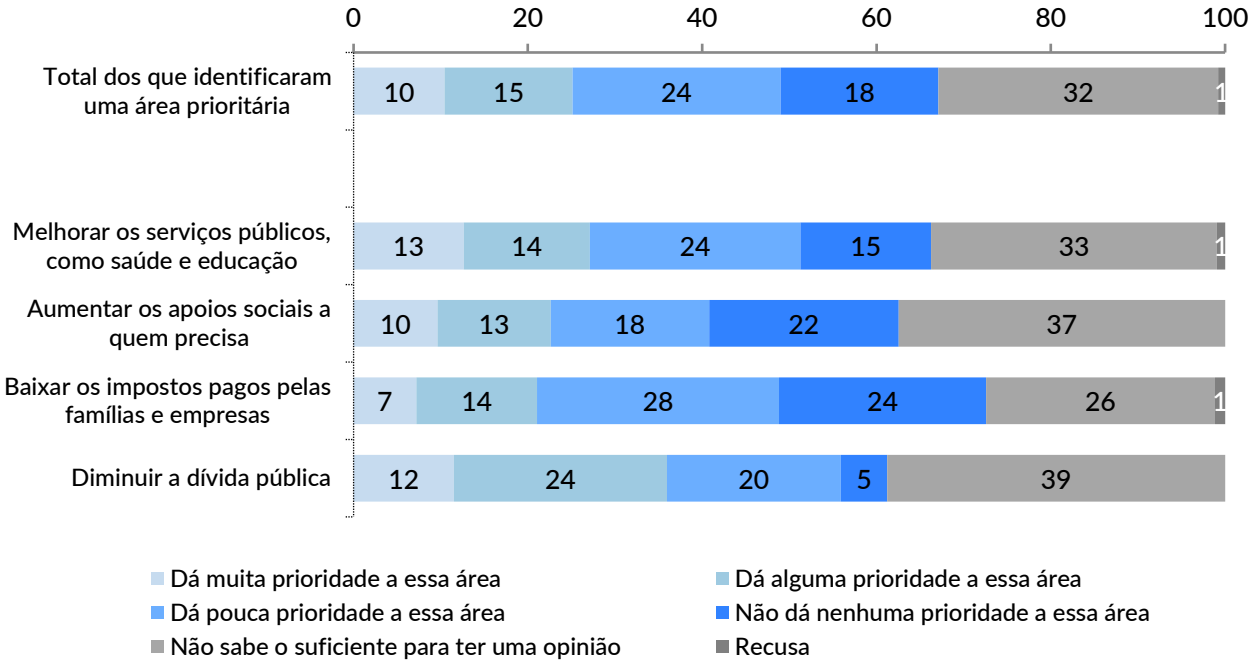


Recolha: 16 a 25 de outubro de 2026.

A melhoria dos serviços públicos foi a área de atuação mais frequentemente destacada pelos inquiridos independentemente da sua posição ideológica. Considerar que “aumentar os apoios sociais a quem precisa” é prioritário para o futuro do país é uma posição mais comum entre os inquiridos de esquerda (27%) do que entre os posicionados ao centro (15%) ou à direita (13%) no espectro ideológico.

3. Em que medida o Orçamento do Estado para 2027 dá resposta à prioridade identificada?

"Em que medida considera que a proposta de Orçamento do Estado para 2027 apresentada pelo governo dá prioridade a essa área de atuação?"
% em relação ao total dos que identificaram uma área e para cada área de atuação.



Recolha: 16 a 25 de outubro de 2026.

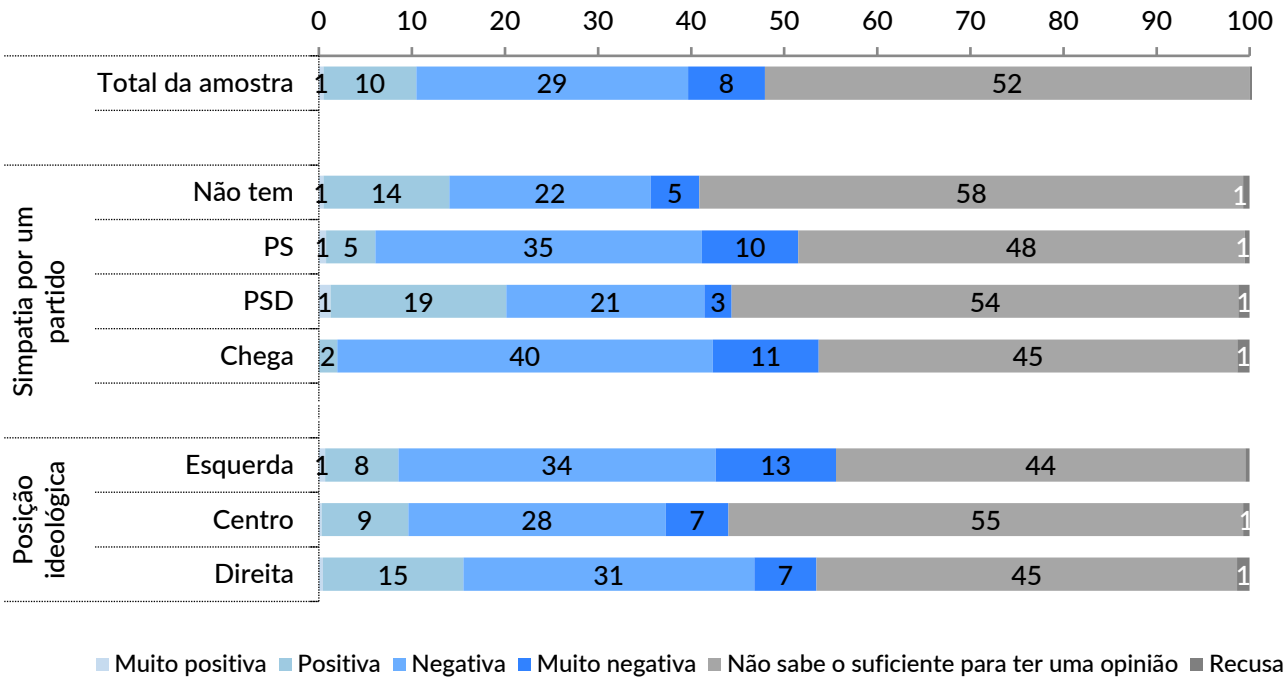
Globalmente, apenas 25% dos inquiridos que identificaram uma área de atuação como prioritária consideraram que o Orçamento do Estado para 2027 dá "muita" ou "alguma" prioridade a essa área, ao passo que 42% afirmaram achar que tem "pouca" ou até mesmo "nenhuma" prioridade na proposta orçamental e 32% disseram não ter informação suficiente para ter uma opinião.

Entre os inquiridos que consideram que a redução dos impostos é prioritária, 52% afirmaram que o orçamento para 2027 dá "pouca" ou "nenhuma" prioridade a essa área, ao passo que 21% acham que dá "alguma" ou "muita" prioridade. As proporções dos inquiridos que veem "pouca" ou "nenhuma" prioridade no orçamento são comparativamente mais baixas, e semelhantes entre si, junto dos inquiridos que priorizaram a melhoria dos serviços públicos (39%) e o aumento dos apoios sociais (40%). Apenas um em cada quatro inquiridos que priorizam a diminuição da dívida pública (25%) vê "pouca" ou "nenhuma" prioridade dada a este tema na proposta de Orçamento do Estado; neste grupo, as proporções dos que consideram que o orçamento dá "muita" ou "alguma" prioridade e dos que dizem não saber o suficiente para ter uma opinião são semelhantes (36% e 39%, respetivamente).

4. Avaliação global do Orçamento do Estado para 2027

"Tem uma opinião muito positiva, positiva, negativa ou muito negativa a respeito desta proposta ou ainda não sabe o suficiente para ter uma opinião?"

% em relação ao total da amostra ou dos subgrupos.



Recolha: 16 a 25 de outubro de 2026.

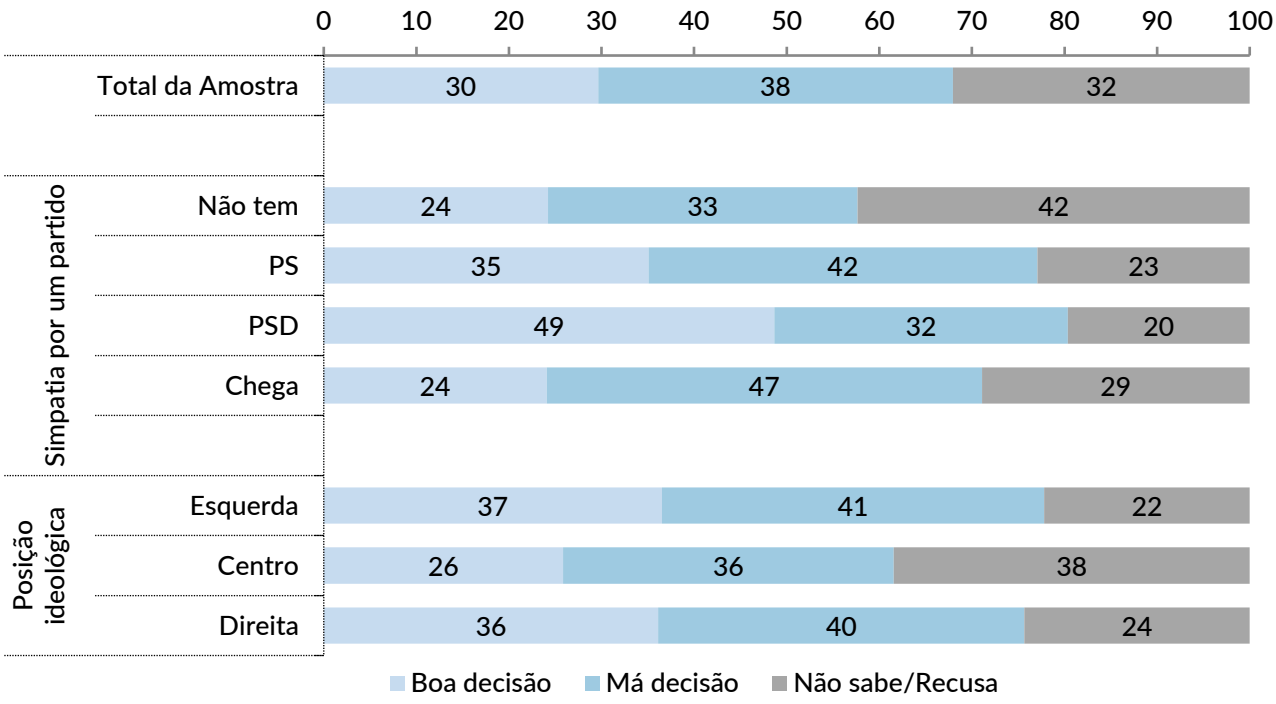
Nesta sondagem, 52% dos inquiridos disseram ainda não saber o suficiente para fazer uma avaliação global da proposta de Orçamento do Estado para 2027, 11% expressaram uma avaliação "positiva" ou "muito positiva" e 37% deram uma nota "negativa" ou "muito negativa" à proposta.

Entre os simpatizantes do Chega, 51% fizeram uma avaliação desfavorável do Orçamento do Estado para 2027. Uma proporção pouco inferior (45%) disse não ter informação suficiente e apenas 2% dos simpatizantes deste partido fizeram uma avaliação "positiva". Os padrões identificados junto dos simpatizantes do PS são similares, com 45% a avaliarem o orçamento de forma negativa, 6% a darem-lhe nota positiva e 48% a declararem não terem informação suficiente para fazer uma avaliação. Já os simpatizantes do PSD e os inquiridos que não simpatizam com qualquer partido apresentam padrões distintos dos descritos acima e bastante similares entre si: mais de metade afirmou não ter conhecimento suficiente para avaliar, cerca de um quarto exprimiu uma opinião negativa e entre 15% e 20% fizeram uma avaliação positiva deste orçamento.

Há uma tendência para que as avaliações negativas sejam mais comuns entre os inquiridos que se definiram como de esquerda (47%) que entre os de centro (35%) e de direita (38%). Entre os inquiridos de centro, a declaração de falta de informação é maioritária (55%).

5. Avaliação da decisão de Carneiro de o PS se abster na votação do Orçamento do Estado

"José Luís Carneiro anunciou que o seu partido se irá abster na votação da proposta de Orçamento do Estado para 2027. Na sua opinião, esta é uma boa ou uma má decisão?"
% em relação ao total da amostra ou dos subgrupos.



Recolha: 16 a 25 de outubro de 2026.

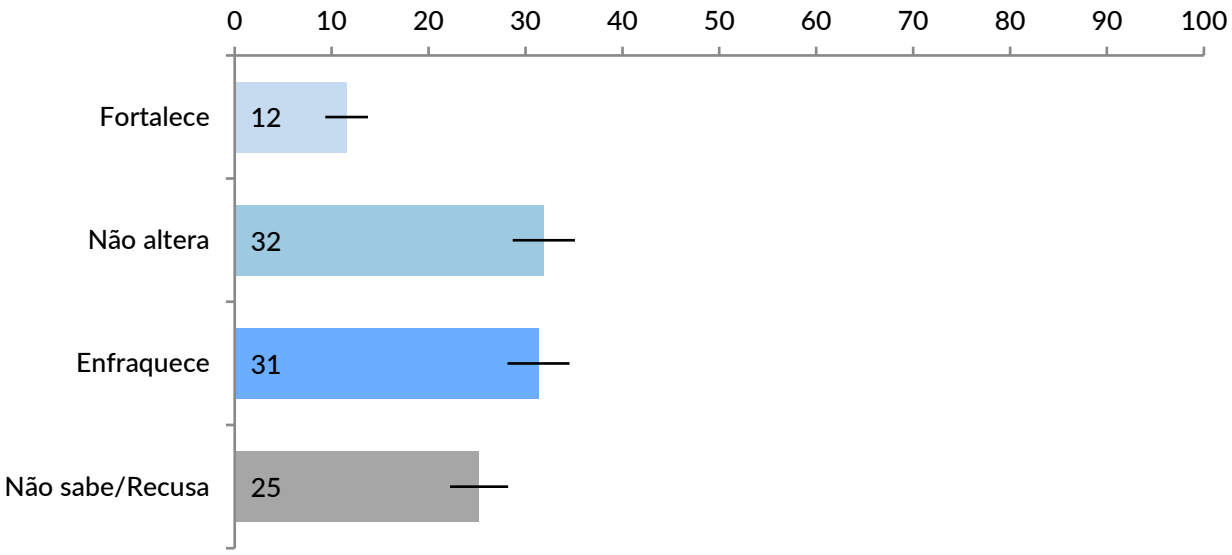
Os inquiridos mostraram-se divididos sobre a abstenção do PS na votação do Orçamento do Estado para 2027: 38% disseram considerar que é uma "má decisão", 30% que tal decisão é "boa" e 32% recusaram responder ou afirmaram não saber.

Esta divisão é também observável entre os simpatizantes do PS, 42% dos quais consideraram esta decisão "má" e 35% "boa". Sem surpresas, a opinião mais prevalecente entre os simpatizantes do PSD (49%) é a de que Carneiro tomou uma boa decisão, ao passo que uma proporção similar dos simpatizantes do Chega (47%) definiu a decisão do líder socialista como "má".

A propensão para avaliar de forma positiva a decisão do secretário-geral do PS é mais baixa entre os inquiridos posicionados ao centro (26%) que nos lados esquerdo e direito do espectro ideológico (37% e 36%), devendo-se esta diferença sobretudo a uma maior percentagem de não-respostas no primeiro grupo (38% vs. 22% e 24%).

6. Impacto da decisão de Carneiro na sua liderança

"Na sua opinião, esta decisão de José Luís Carneiro fortalece, enfraquece ou não altera a sua posição como líder do PS?"
% em relação ao total da amostra.



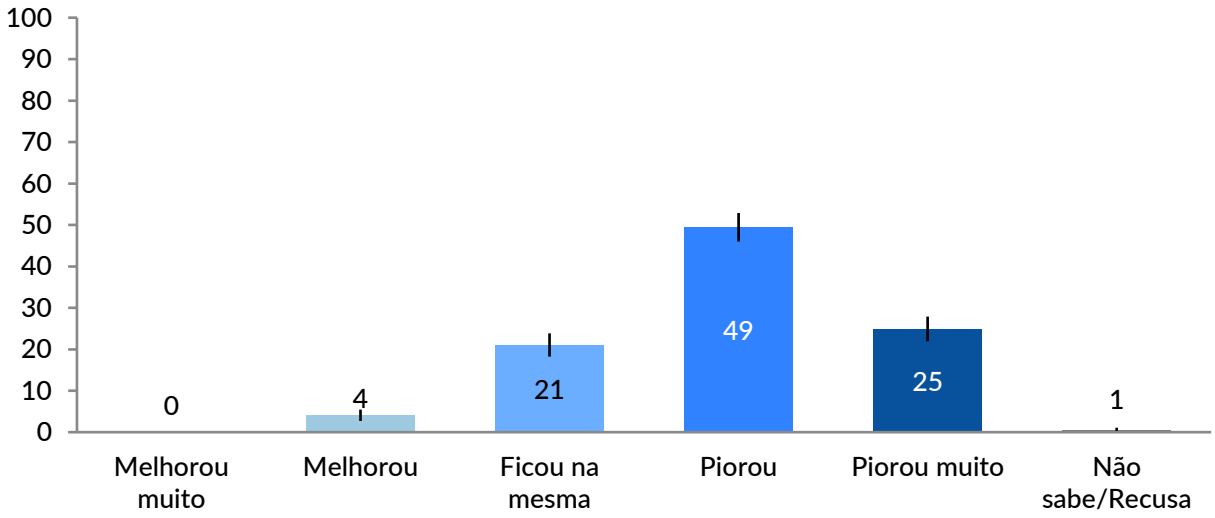
Recolha: 16 a 25 de outubro de 2026.

Relativamente ao impacto desta decisão na liderança de José Luís Carneiro, percentagens similares de inquiridos disseram considerar que "não altera" (32%) ou que "enfraquece" (31%) a sua posição como líder do PS. A opinião de que tal decisão "fortalece" a liderança de Carneiro é partilhada por apenas 12% dos inquiridos, enquanto 25% optaram por não responder à questão ou disseram não saber.

Uma análise complementar focada no subgrupo dos simpatizantes do PS revelou uma frequência similar de respostas "não altera" (31%) e "enfraquece" (32%), ao passo que 22% consideraram que a decisão fortalece a posição do secretário-geral socialista.

7. Avaliação da evolução da economia do país

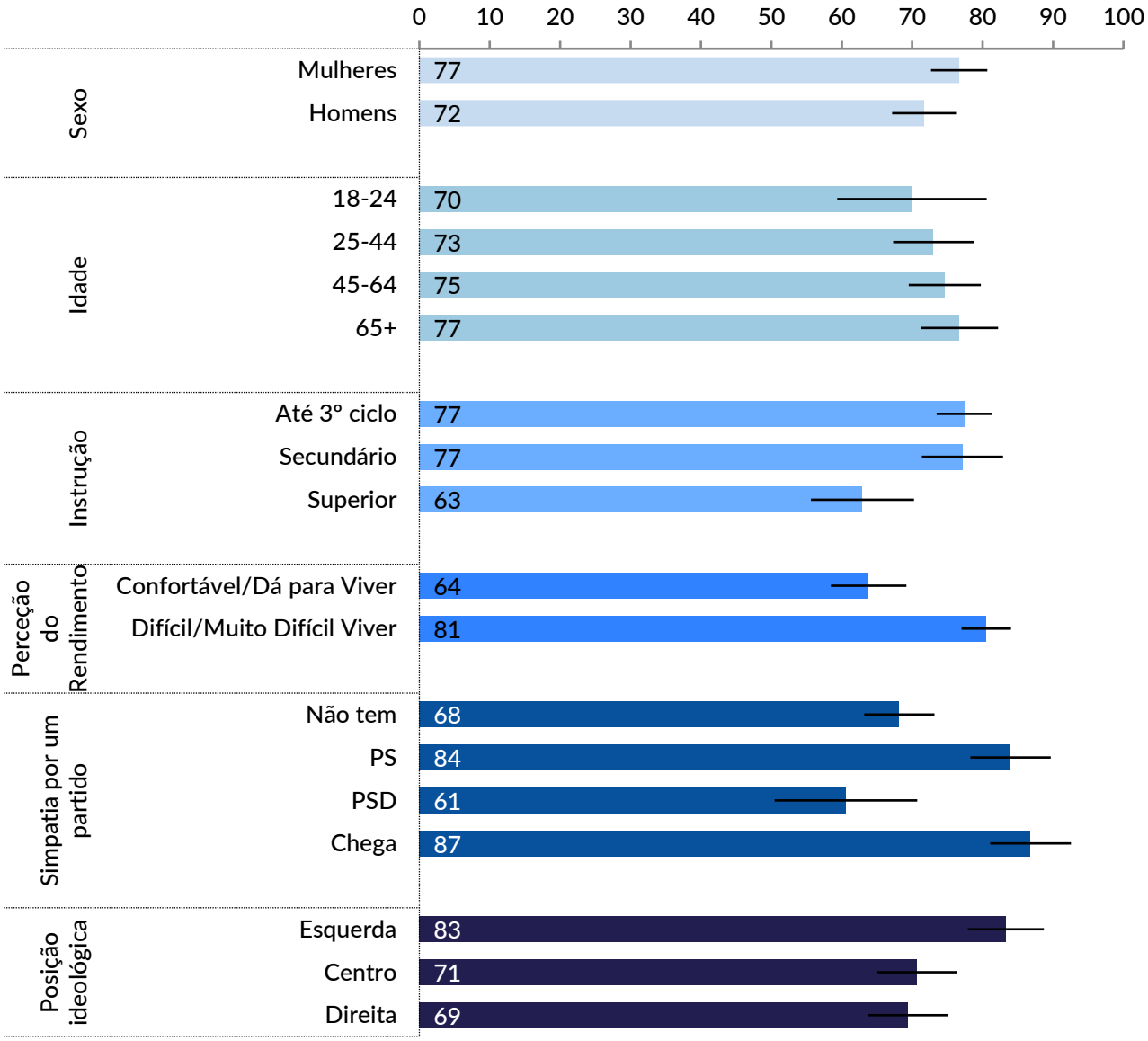
"Falando agora sobre a situação da economia em Portugal: no último ano, acha que a situação da economia melhorou muito, melhorou, ficou na mesma, piorou ou piorou muito?"
% em relação ao total da amostra.



Recolha: 16 a 25 de outubro de 2026.

Nesta sondagem, as avaliações da evolução da situação económica do país no último ano são maioritariamente negativas: 49% dos inquiridos afirmaram que a situação "piorou" e 25% que "piorou muito". Cerca de um quinto (21%) caracterizou a situação como tendo ficado "na mesma" e apenas 4% disseram considerar que a economia "melhorou".

No último ano, a situação da economia "piorou" ou piorou muito"
% em relação ao total dos subgrupos.

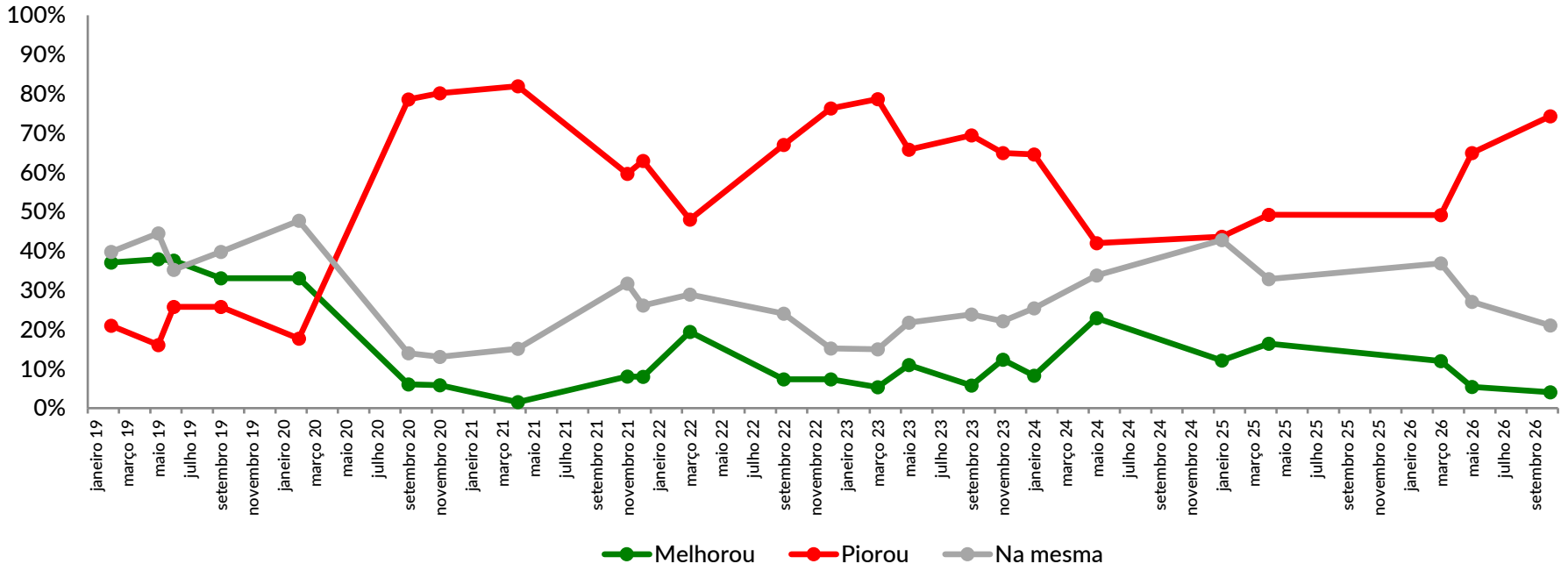


Recolha: 16 a 25 de outubro de 2026.

As avaliações negativas da evolução da economia portuguesa no último ano são maioritárias em todos os grupos analisados. Ainda assim, são relativamente menos frequentes entre os inquiridos com formação universitária (63%) do que nos dois subgrupos que agregam quem tem habilitações literárias inferiores (77% em ambos os casos). Quatro em cada cinco inquiridos (81%) que vivem com dificuldades com o rendimento do agregado familiar expressaram esta opinião, que é menos comum junto daqueles cujo rendimento permite viver de forma mais confortável (64%). Relativamente à simpatia partidária, as proporções dos simpatizantes do Chega (87%) e do PS (84%) que expressaram perceções negativas da evolução da economia são mais altas que as observadas junto dos inquiridos sem simpatia partidária (68%) e dos simpatizantes do PSD, entre os quais, mesmo assim, as opiniões negativas são maioritárias (61%). Os inquiridos posicionados à esquerda (83%) destacam-se dos de centro e direita (71% e 69%) relativamente a esta questão.

Avaliação da evolução da economia em Portugal no último ano

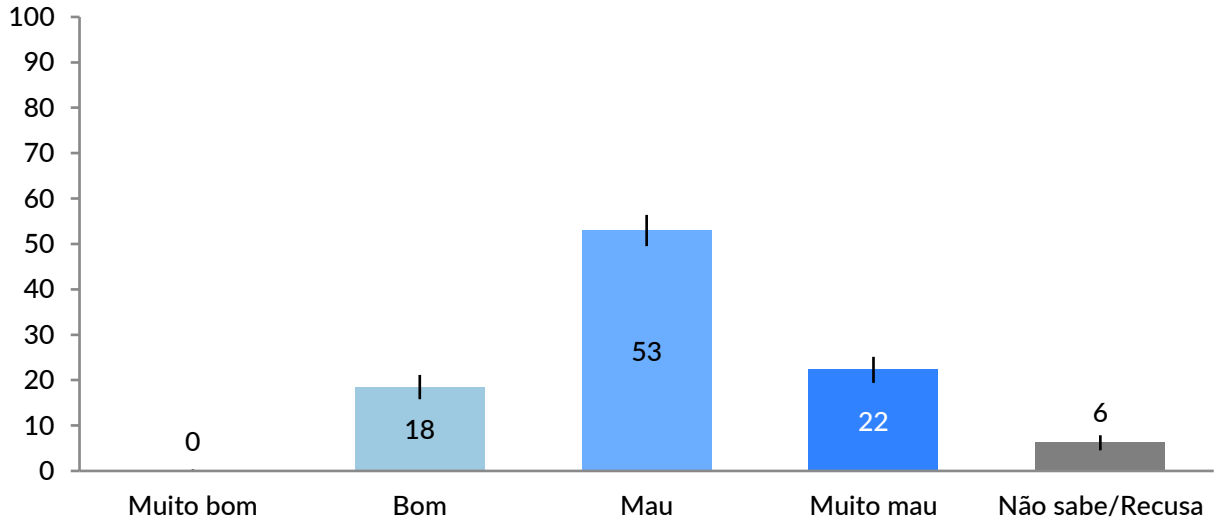
% em relação ao total das amostras; data do último dia de recolha.



O ano de 2026 é marcado por uma tendência de agravamento das perceções da evolução da economia nacional: se em março 49% dos inquiridos exprimiam uma avaliação negativa, em maio já eram 65% e em outubro 74%. Os inquiridos que consideram que a situação "ficou na mesma" passaram de 37% em março para 21% em outubro, ao passo que os que entendem favoravelmente a evolução da economia correspondem agora a um terço dos que o faziam em março (4% vs. 12%). A proporção de avaliações negativas observada nesta sondagem aproxima-se das identificadas durante a pandemia de COVID-19 (nomeadamente nos estudos realizados no fim de 2020 e início de 2021), bem como no âmbito do terceiro governo Costa (concretamente entre o final de 2022 e o início de 2023).

8. Avaliação do desempenho geral do governo

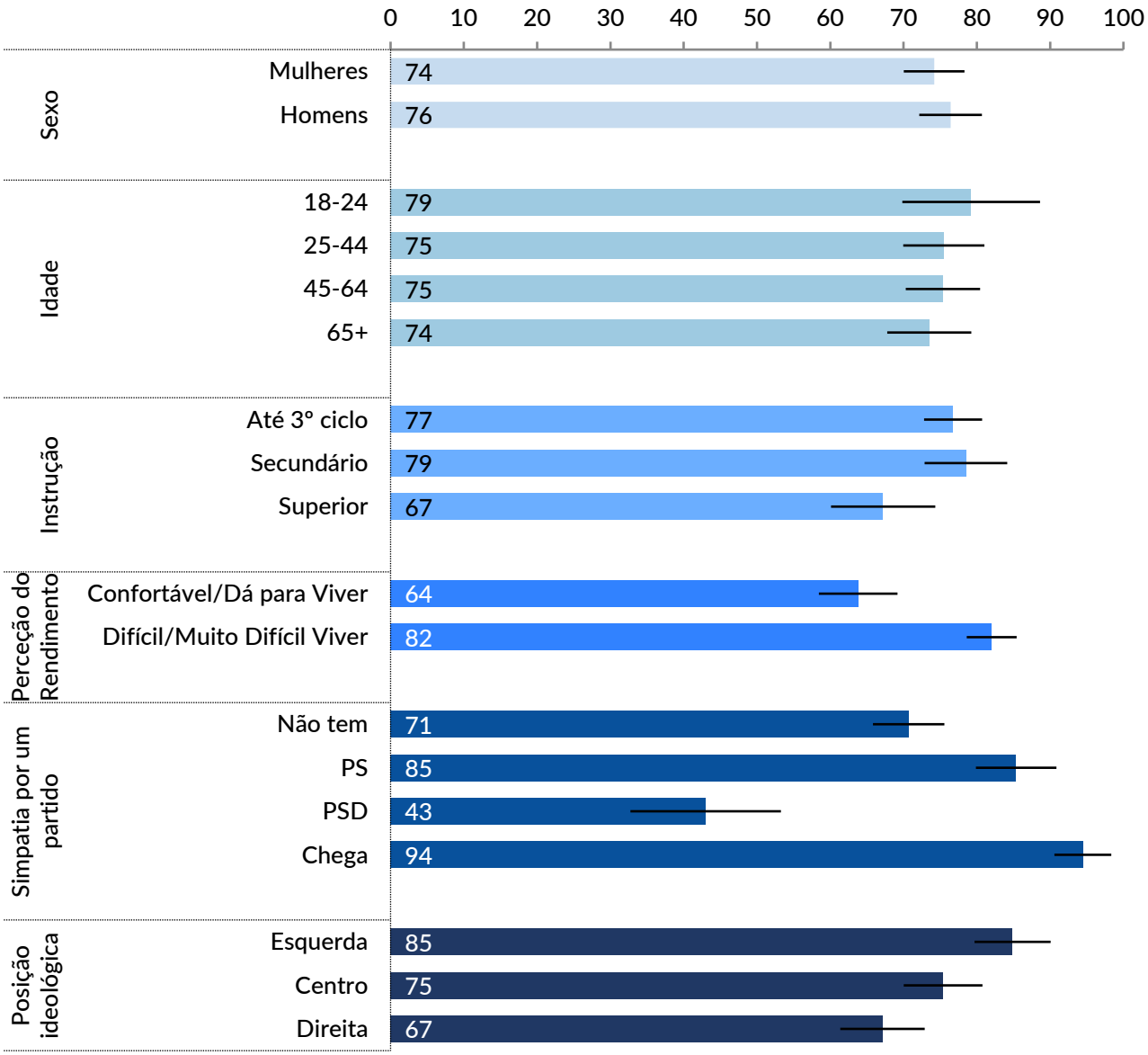
"Pensando no desempenho geral do atual governo, como avaliaria esse desempenho? Diria que o governo está a fazer um trabalho..."
% em relação ao total da amostra.



Recolha: 16 a 25 de outubro de 2026.

Três em cada quatro inquiridos deram nota negativa ao executivo de Luís Montenegro: mais de metade (53%) avaliou o desempenho geral do atual governo como “mau” e 22% disseram que o governo está a fazer um trabalho “muito mau”. Apenas 18% consideraram tal trabalho “bom”.

O governo está a fazer um trabalho "mau" ou "muito mau"
% em relação ao total dos subgrupos.

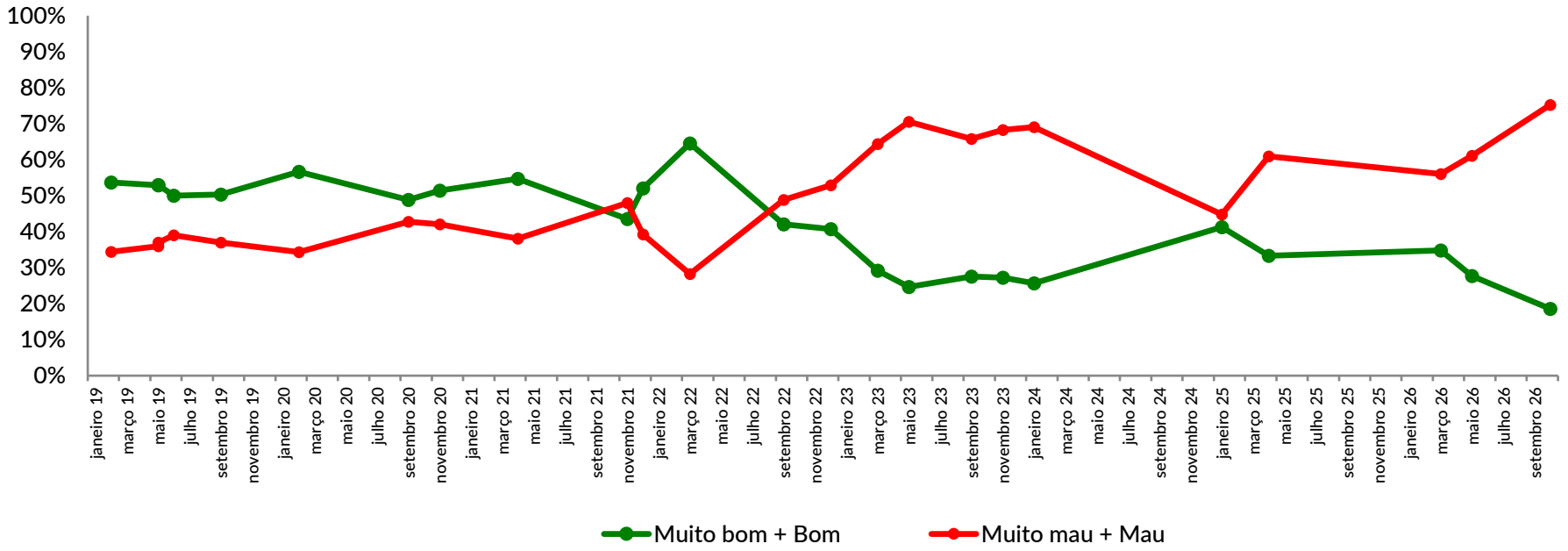


Recolha: 16 a 25 de outubro de 2026.

O único grupo em que o trabalho do atual governo não foi caracterizado como “mau” ou “muito mau” por uma maioria de inquiridos é o dos simpatizantes do PSD (43%), que se distinguem claramente daqueles sem simpatia partidária (71%), dos simpatizantes do PS (85%) e dos simpatizantes do Chega, entre os quais esta opinião é praticamente unânime (94%). Esta avaliação negativa foi expressada por dois terços dos inquiridos de direita (67%), sendo ainda mais comum entre os que se posicionam à esquerda (85%). Diferenças em termos de perceção do rendimento familiar também estão associadas a diferentes propensões para dar nota negativa ao desempenho do executivo, com aqueles que vivem com dificuldades a apresentarem uma maior propensão para fazê-lo (82%) que os que vivem de forma mais confortável (64%).

Avaliação do desempenho do atual governo

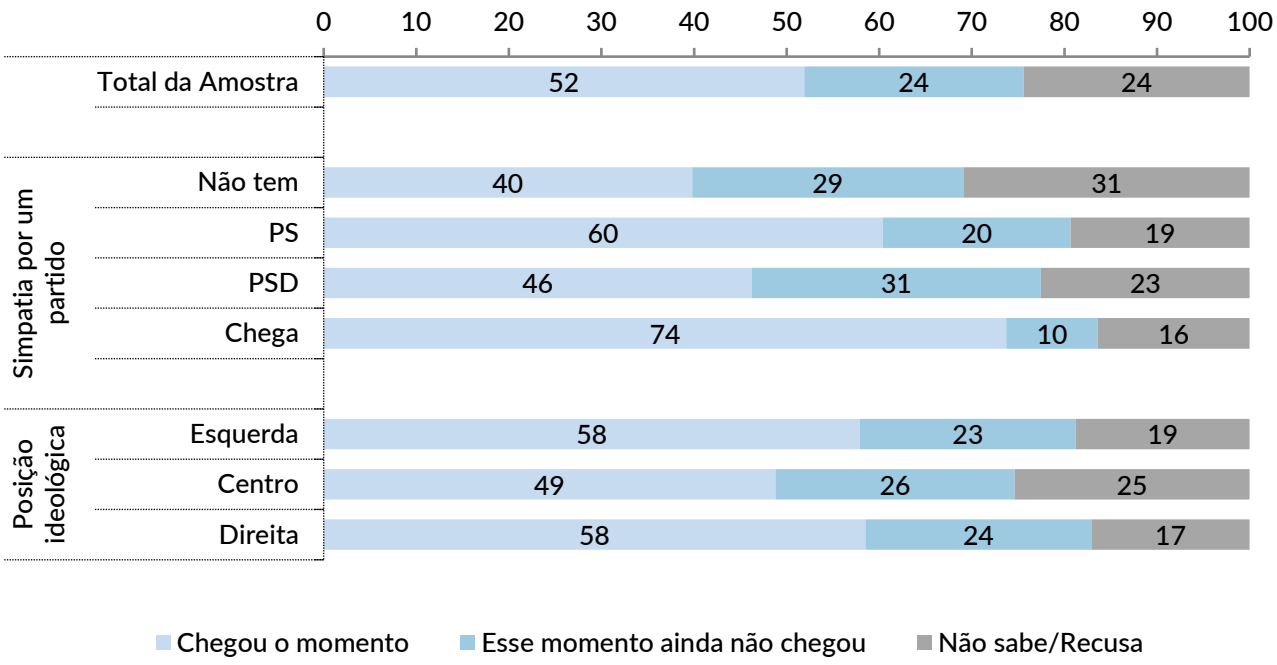
% em relação ao total das amostras; data do último dia de recolha.



O ano de 2026 caracteriza-se por uma deterioração das opiniões relativas ao desempenho do governo: enquanto em março 56% dos inquiridos avaliavam de forma negativa o trabalho feito pelo executivo de Montenegro, em maio esta opinião já era partilhada por 61%, e em outubro atingiu 75%. Ao mesmo tempo, as avaliações positivas passaram de 35% em março para 19% em outubro. Os 75% de avaliações negativas constituem o valor mais elevado observado pelas sondagens ICS/ISCTE desde fevereiro de 2019.

9. Chegou o momento de Montenegro fazer uma remodelação do governo?

"Chegou o momento de Luís Montenegro fazer uma remodelação do governo, substituindo alguns ministros, ou esse momento ainda não chegou?"
% em relação ao total da amostra ou dos subgrupos.



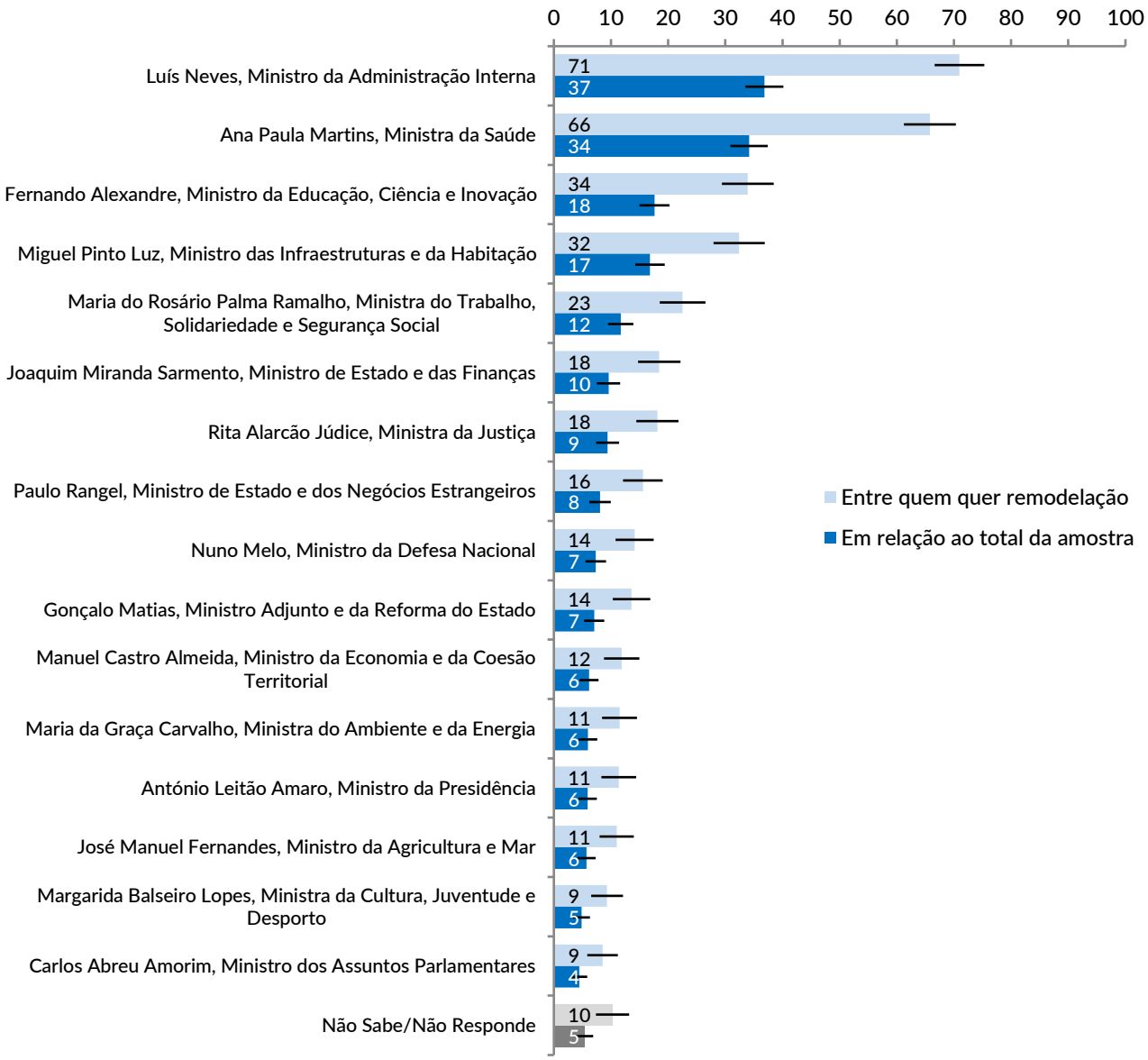
Recolha: 16 a 25 de outubro de 2026.

Nesta sondagem, 52% dos inquiridos declararam achar que chegou o momento de Luís Montenegro fazer uma remodelação do governo, substituindo ministros. Os restantes dividem-se entre quem acha que esse momento "ainda não chegou" (24%) e quem disse não saber ou recusou responder a esta pergunta (24%).

A opinião de que "chegou o momento" de proceder a uma remodelação do executivo foi expressa por três em cada quatro simpatizantes do Chega (74%), por 60% dos simpatizantes do PS e por 46% dos simpatizantes do PSD. Apesar de algumas variações, a opinião de que "ainda não chegou o momento" de substituir ministros é minoritária em todos os subgrupos criados com base no posicionamento ideológico e nas simpatias partidárias dos inquiridos.

10. Que ministros devem sair?

"Que ministro, ministra ou ministros deveriam ser substituídos?"
% em relação ao subgrupo que considera necessário uma remodelação do governo e ao total da amostra.
Pergunta de resposta múltipla; cada inquirido pôde mencionar mais do que um nome.



Recolha: 16 a 25 de outubro de 2026.

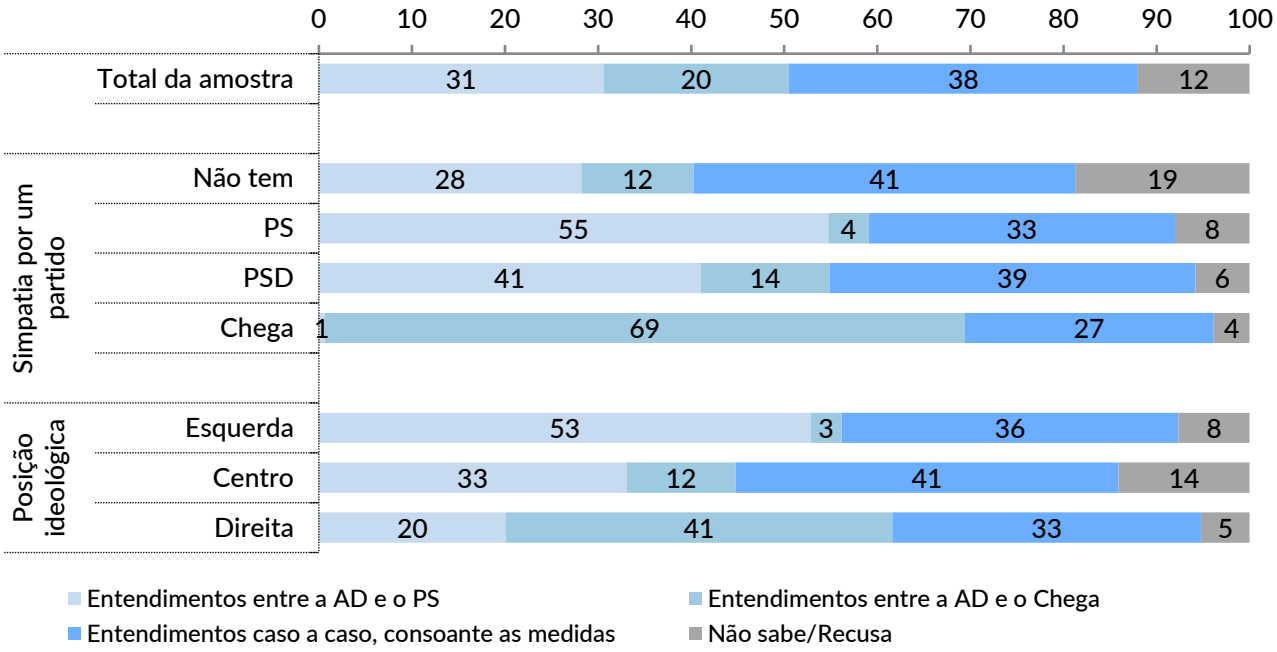
Os **inquiridos que disseram considerar que chegou o momento de proceder a uma remodelação do governo (52% do total da amostra)** foram posteriormente convidados a identificar que ministro, ministra ou ministros deveriam sair, sendo que podiam referir mais do que um elemento do atual executivo. Os dois ministros mais frequentemente mencionados por este subgrupo da amostra foram Luís Neves, Ministro da Administração Interna (71% - o que corresponde a 37% do total da amostra), e Ana Paula Martins, Ministra da Saúde (66% - valor correspondente a 34% do total da amostra).

Os ministros Fernando Alexandre (34%) e Miguel Pinto Luz (32%) foram mencionados por cerca de um terço dos inquiridos que acham que chegou o momento de Luís Montenegro substituir membros do seu executivo. Estes inquiridos correspondem a 18% e 17% do total da amostra, respetivamente.

Ainda relativamente ao subgrupo dos que desejam uma remodelação, as taxas de referência dos restantes ministros variam entre 9% (Margarida Balseiro Lopes e Carlos Abreu Amorim) e 23% (Maria do Rosário Palma Ramalho). De destacar que 10% dos inquiridos que consideraram ter chegado o momento de uma remodelação governamental disseram não saber que ministros deveriam sair ou recusaram responder.

11. Preferências em termos de entendimentos para aprovar medidas legislativas nos próximos anos

"Nos próximos anos, qual das seguintes opções preferia para que se aprovem medidas legislativas em Portugal?"
% em relação ao total da amostra ou dos subgrupos.



Recolha: 16 a 25 de outubro de 2026.

Nesta sondagem, perguntou-se aos inquiridos qual das seguintes opções consideravam preferível para a aprovação de medidas legislativas em Portugal nos próximos anos:

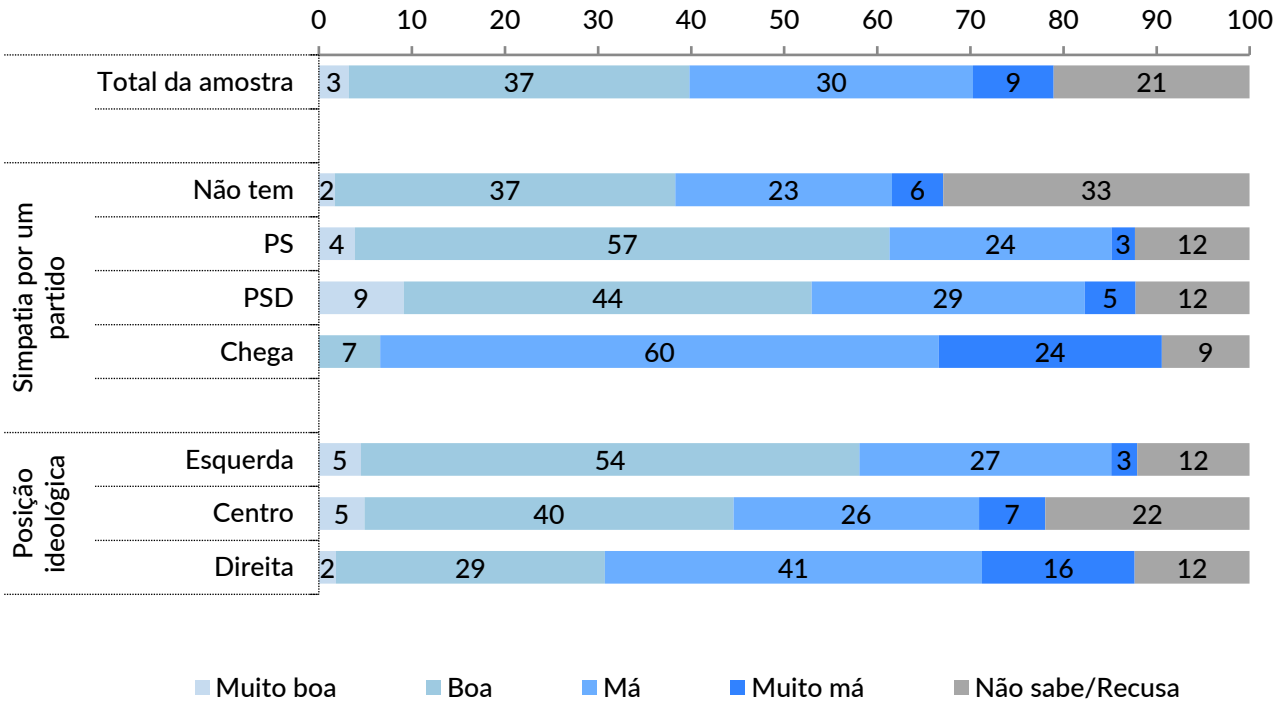
- Entendimentos entre a AD e o PS;
- Entendimentos entre a AD e o Chega;
- Entendimentos caso a caso, consoante as medidas.

A opção escolhida por mais inquiridos (38%) foi a de entendimentos caso a caso, consoante as medidas legislativas em causa. A segunda posição mais frequente foi a preferência por entendimentos entre a AD e o PS (31%), enquanto um em cada cinco inquiridos (20%) demonstrou preferir entendimentos à direita, entre a AD e o Chega. Os restantes 12% disseram não saber ou recusaram responder.

Previsivelmente, os simpatizantes do PS e do Chega privilegiam entendimentos entre a AD e os partidos com os quais simpatizam, com os segundos a fazê-lo em maior número (69%) que os primeiros (55%). Já os simpatizantes do PSD mostram-se divididos entre entendimentos com o PS (41%) ou caso a caso (39%). Este último cenário é também o preferido por uma maior proporção dos inquiridos sem simpatia partidária (41%) e dos que se colocaram no ponto central do espectro ideológico (também 41%). Se a preferência por entendimentos entre a AD e o PS é maioritária junto dos inquiridos de esquerda (53%), o mesmo não acontece relativamente à preferência por acordos entre a AD e o Chega entre os inquiridos de direita (41%). De destacar que 20% destes últimos demonstraram preferir que a coligação no governo se entenda com os socialistas.

12. Opinião sobre um governo de coligação entre o PSD e o PS

"Qual é a sua opinião sobre um governo de coligação entre o PSD e o PS: considera que seria uma solução muito boa, boa, má ou muito má para a governação do país?"
% em relação ao total da amostra ou dos subgrupos.



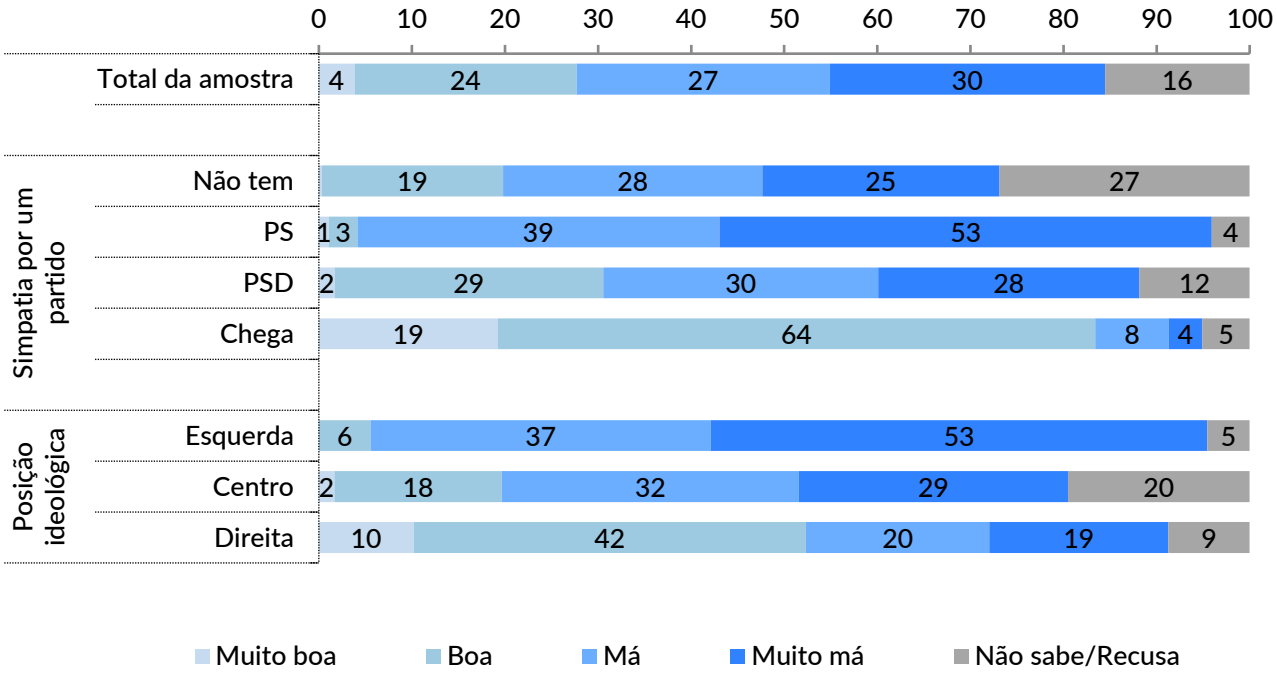
Recolha: 16 a 25 de outubro de 2026.

Nesta sondagem, os inquiridos apresentam-se divididos quanto a um possível governo de coligação entre o PSD e o PS: 40% veem esta possibilidade com bons olhos (3% acham-na "muito boa" e 37% "boa"), ao passo que 39% avaliam-na de forma negativa, sendo que 9% dizem mesmo que seria uma solução "muito má" para a governação do país. De destacar que os inquiridos que disseram não saber ou recusaram responder correspondem a cerca de um quinto da amostra (21%).

Se 84% dos inquiridos que disseram simpatizar com o Chega avaliam negativamente esta possibilidade, 61% dos simpatizantes do PS e 53% dos simpatizantes do PSD afirmaram achar que se trataria de uma solução "boa" ou "muito boa" para a governação do país. Esta solução é vista mais frequentemente de forma positiva à esquerda (59%) e ao centro (45%) do que à direita (31%). As não-respostas são comparativamente mais frequentes entre os inquiridos posicionados no ponto central do *continuum* esquerda-direita (22%) e entre os que disseram não simpatizar com qualquer partido (33%).

13. Opinião sobre um governo de coligação entre o PSD e o Chega

"Qual é a sua opinião sobre um governo de coligação entre o PSD e o Chega: considera que seria uma solução muito boa, boa, má ou muito má para a governação do país?"
% em relação ao total da amostra ou dos subgrupos.



Recolha: 16 a 25 de outubro de 2026.

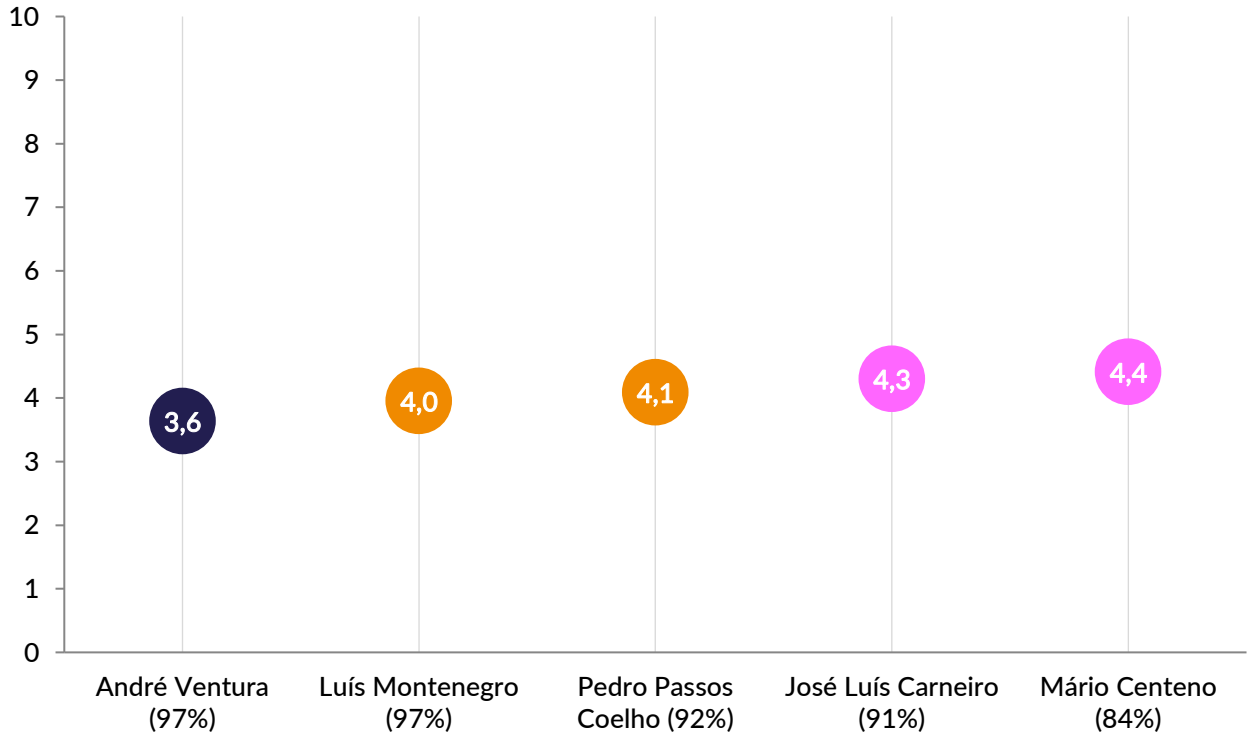
Relativamente à possibilidade de um governo de coligação entre o PSD e o Chega, 57% dos inquiridos expressaram uma opinião negativa (30% disseram mesmo que seria uma solução "muito má" para a governação do país), ao passo que 28% olharam para esta possibilidade de forma favorável e 16% disseram não saber ou recusaram responder.

Entre os simpatizantes do Chega, 83% acham que uma coligação entre este partido e o PSD seria uma solução "boa" ou "muito boa" para governar Portugal, sendo esta uma opinião partilhada por apenas 31% dos simpatizantes do PSD, 19% dos que não têm simpatias partidárias e 4% dos simpatizantes socialistas. Uma coligação PSD/Chega é vista de forma favorável por 52% dos inquiridos de direita, 20% dos posicionados ao centro e apenas 6% dos inquiridos de esquerda. Cerca de um quarto dos inquiridos sem simpatia partidária (27%) e um quinto dos que se posicionaram ideologicamente ao centro (20%) disseram não saber ou recusaram responder a esta questão.

14. Avaliação das condições de diferentes figuras políticas para exercerem bem as funções de primeiro-ministro

14.1 Total da Amostra

Avaliação de diferentes figuras numa escala de 0 ("não tem quaisquer condições") a 10 ("tem todas as condições para ser primeiro-ministro")
Avaliação média dos inquiridos com respostas válidas; entre parêntesis, % de inquiridos que fazem avaliação.

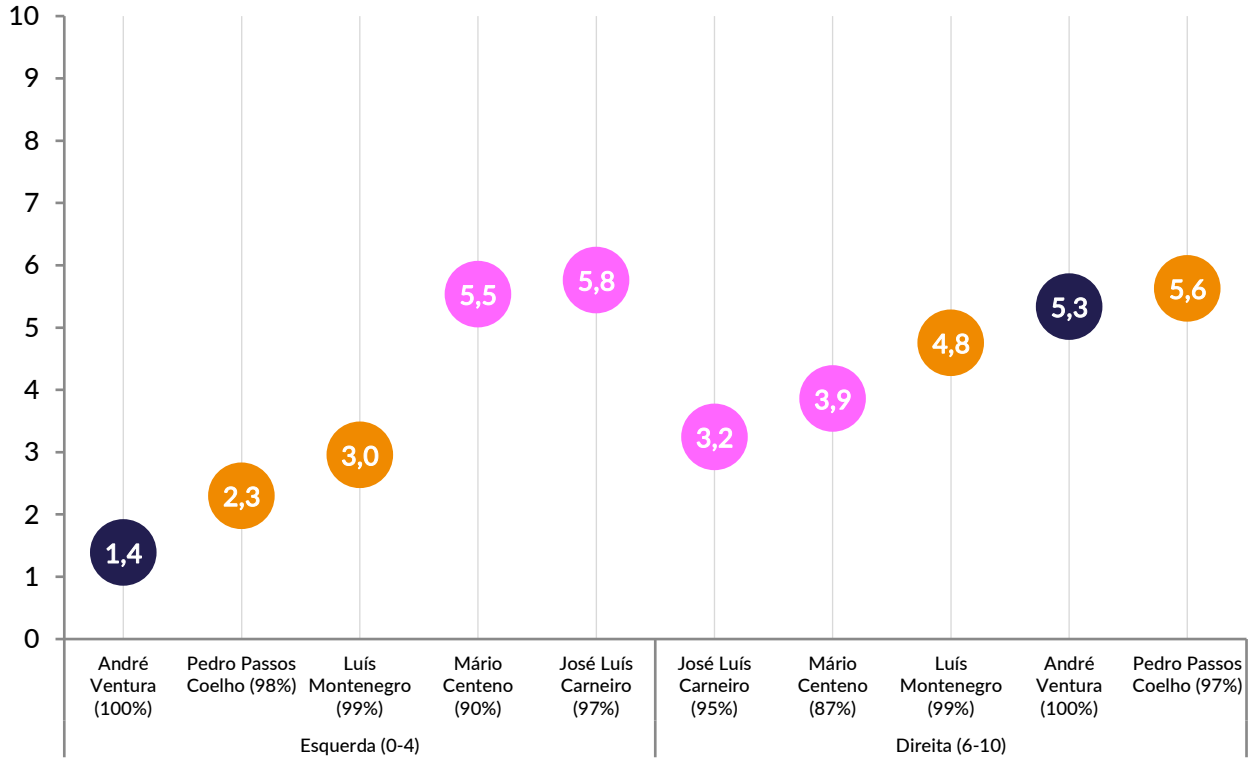


Recolha: 16 a 25 de outubro de 2026.

As cinco figuras políticas sob análise – André Ventura, José Luís Carneiro, Luís Montenegro, Mário Centeno e Pedro Passos Coelho – foram alvo de avaliações médias inferiores ao ponto central da escala (5 numa escala de 0 a 10) relativamente às condições de que dispõem para exercer bem as funções de primeiro-ministro. Ventura recebe a avaliação média mais baixa (3,6), seguindo-se Montenegro (4), Passos Coelho (4,1), Carneiro (4,3) e Centeno (4,4).

14.2 Comparação inquiridos de esquerda vs. de direita

Avaliação de diferentes figuras numa escala de 0 ("não tem quaisquer condições") a 10 ("tem todas as condições para ser primeiro-ministro")
Avaliação média de cada subgrupo; entre parêntesis, % de inquiridos que fazem avaliação.

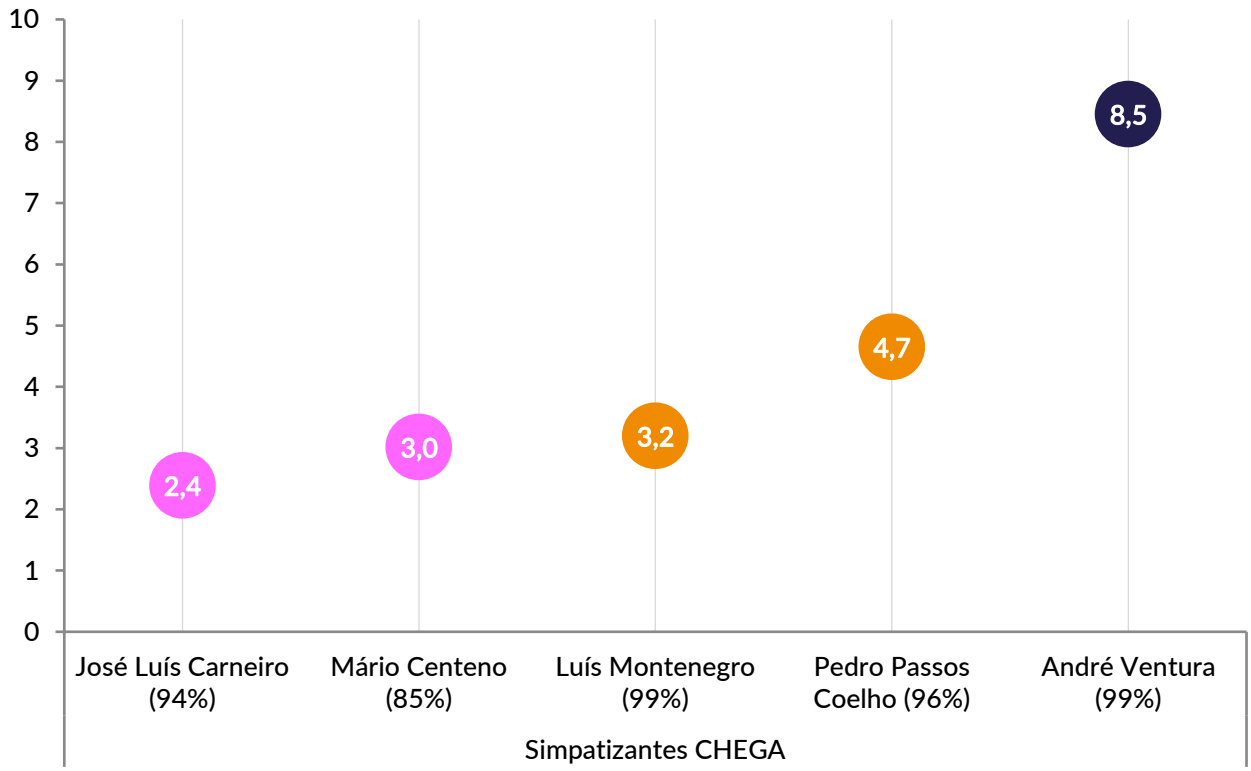


Recolha: 16 a 25 de outubro de 2026.

Entre os inquiridos que se posicionaram à esquerda, Carneiro e Centeno receberam avaliações médias ligeiramente superiores ao ponto central da escala (5,8 e 5,5, respetivamente), seguindo-se Montenegro (3), Passos Coelho (2,3) e, por fim, Ventura (1,4). No caso dos inquiridos que se posicionaram à direita, o ex-primeiro-ministro (5,6) e o líder do Chega (5,3) são os únicos que apresentam avaliações médias acima do ponto central da escala, ao passo que Montenegro se situa imediatamente abaixo (4,8). Centeno (3,9) e Carneiro (3,2) receberam neste subgrupo as avaliações médias mais baixas.

14.3 Simpatizantes do Chega

Avaliação de diferentes figuras numa escala de 0 ("não tem quaisquer condições") a 10 ("tem todas as condições para ser primeiro-ministro")
Avaliação média dos inquiridos que simpatizam com o Chega; entre parêntesis, % de inquiridos que fazem avaliação.

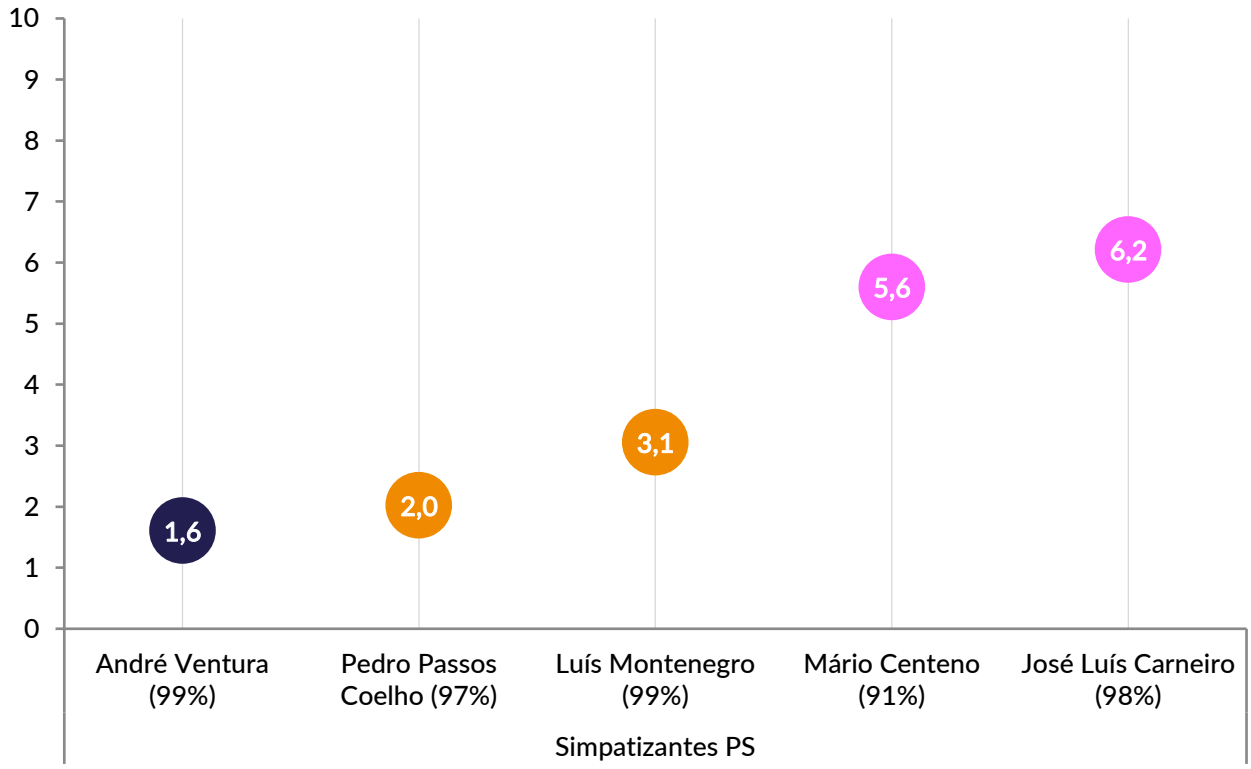


Recolha: 16 a 25 de outubro de 2026.

Entre os simpatizantes do Chega, a avaliação das condições que capacitam Ventura a exercer bem as funções de primeiro-ministro é claramente favorável (8,5), sendo esta figura política a única que apresenta uma avaliação média superior ao ponto central da escala. Neste grupo, Passos Coelho recebeu uma avaliação mais positiva (4,7) que Montenegro (3,2), cuja média é idêntica à de Centeno (3). Carneiro é a personalidade menos bem avaliada (2,4).

14.4 Simpatizantes do PS

Avaliação de diferentes figuras numa escala de 0 ("não tem quaisquer condições") a 10 ("tem todas as condições para ser primeiro-ministro")
Avaliação média dos inquiridos que simpatizam com o PS; entre parêntesis, % de inquiridos que fazem avaliação.

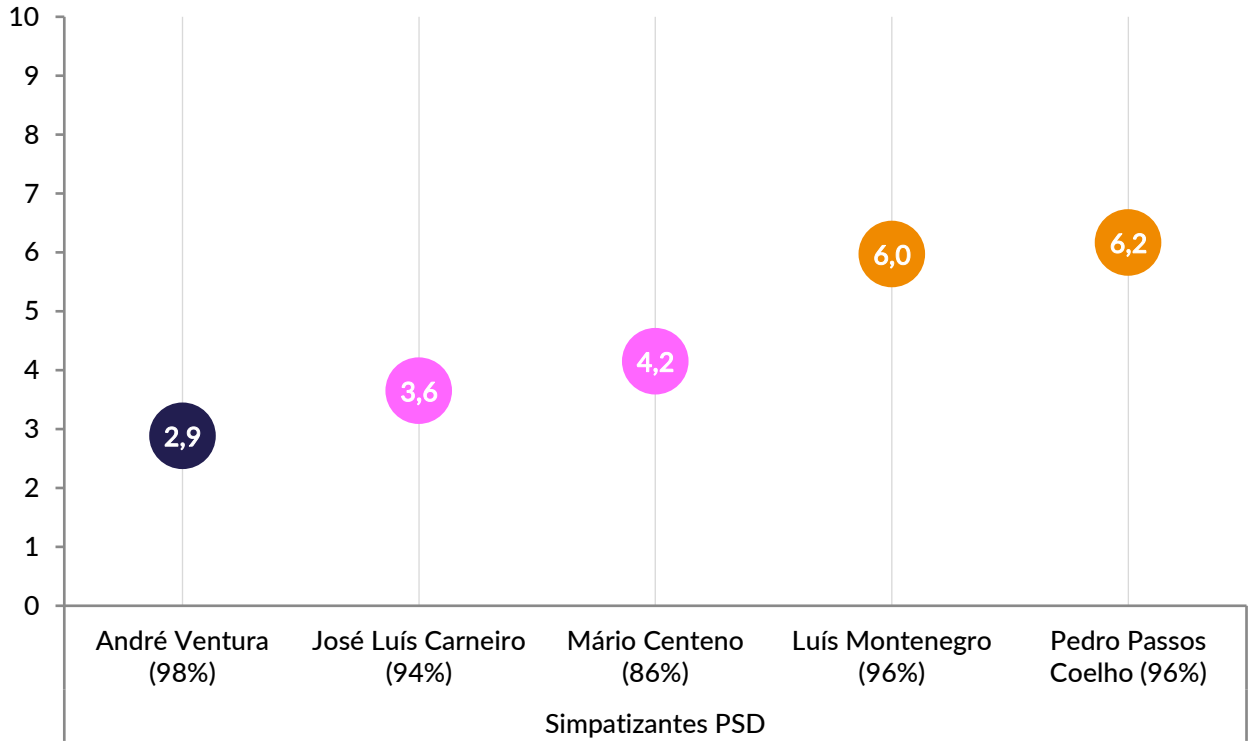


Recolha: 16 a 25 de outubro de 2026.

No subgrupo dos simpatizantes do PS, apenas duas figuras políticas receberam avaliações médias positivas das condições que apresentam para exercer bem as funções de primeiro-ministro, posicionando-se Carneiro (6,2) ligeiramente acima de Centeno (5,6). Seguem-se Montenegro (3,1) e, com valores médios bastante similares, Passos Coelho (2) e Ventura (1,6).

14.5 Simpatizantes do PSD

Avaliação de diferentes figuras numa escala de 0 ("não tem quaisquer condições") a 10 ("tem todas as condições para ser primeiro-ministro")
Avaliação média dos inquiridos que simpatizam com o PSD; entre parêntesis, % de inquiridos que fazem avaliação.



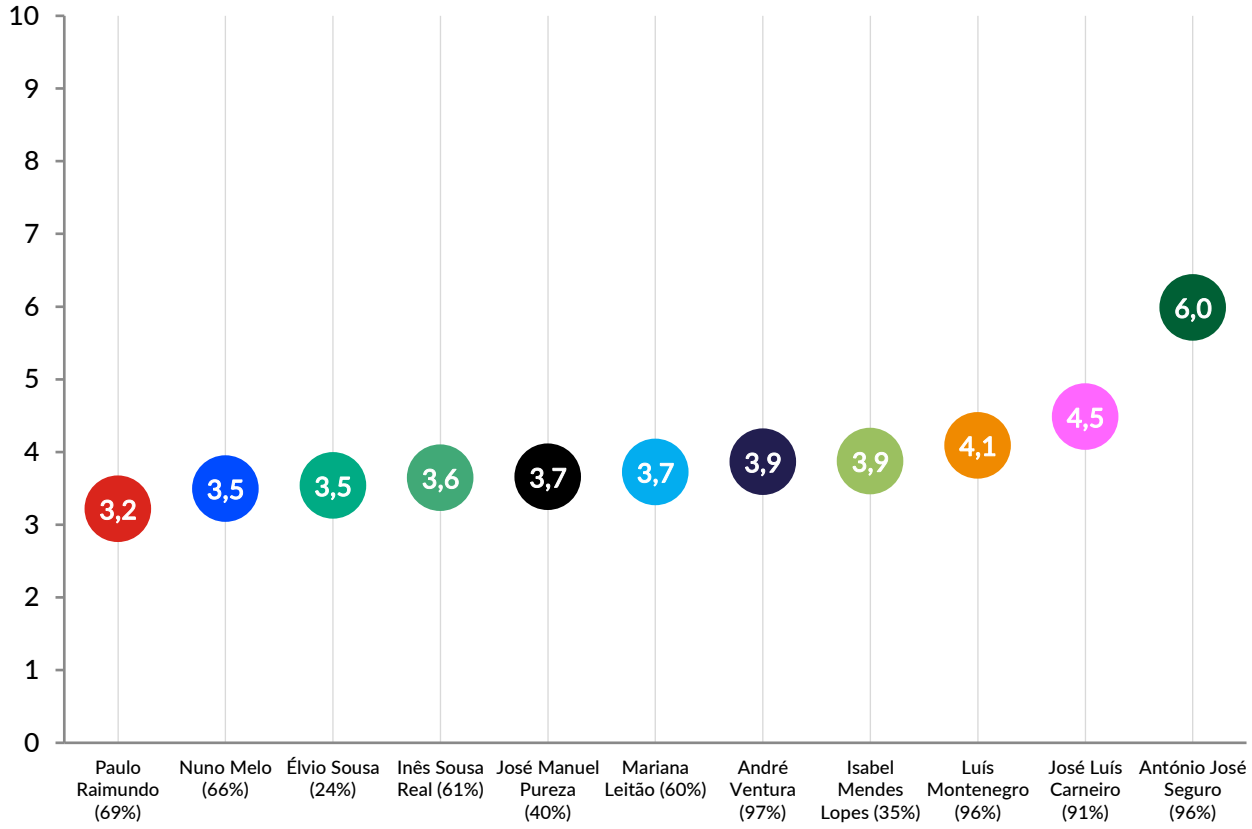
Recolha: 16 a 25 de outubro de 2026.

Por fim, no subgrupo dos simpatizantes do PSD, Montenegro e Passos Coelho foram alvo de avaliações médias muito similares (6 e 6,2, respetivamente). Seguem-se, já abaixo do ponto central da escala, Centeno (4,2), Carneiro (3,6) e, por fim, Ventura (2,9).

15. Avaliação da atuação recente de figuras políticas

15.1 Total da Amostra

Avaliação da atuação recente de figuras políticas, numa escala de 0 ("muito negativa") a 10 ("muito positiva")
Avaliação média dos inquiridos com respostas válidas; entre parêntesis, % de inquiridos que fazem avaliação.



Recolha: 16 a 25 de outubro de 2026.

Convidados a avaliar a atuação recente de diferentes figuras políticas numa escala de 0 (muito negativa) a 10 (muito positiva), os inquiridos deram, em média, nota positiva apenas ao Presidente da República, António José Seguro (6). Todas as outras figuras políticas apresentam avaliações médias inferiores ao ponto central da escala. Entre estas, a mais bem avaliada é José Luís Carneiro (4,5) e a menos bem avaliada Paulo Raimundo (3,2). De destacar que a notoriedade destas figuras políticas é distinta: André Ventura, António José Seguro, José Luís Carneiro e Luís Montenegro foram avaliados por mais de 90% dos inquiridos, ao passo que apenas uma minoria foi capaz de classificar a atuação recente de José Manuel Pureza, Isabel Mendes Lopes e Élvio Sousa.

Face a maio de 2026, a principal alteração é a descida da avaliação média da atuação recente de Luís Montenegro (de 4,6 para 4,1).

15.2 Comparação inquiridos de esquerda vs. de direita

Avaliação da atuação recente de líderes políticos, numa escala de 0 ("muito negativa" a 10 ("muito positiva")
Avaliação média de cada grupo de posicionamento ideológico; entre parêntesis, % de inquiridos que fazem avaliação.



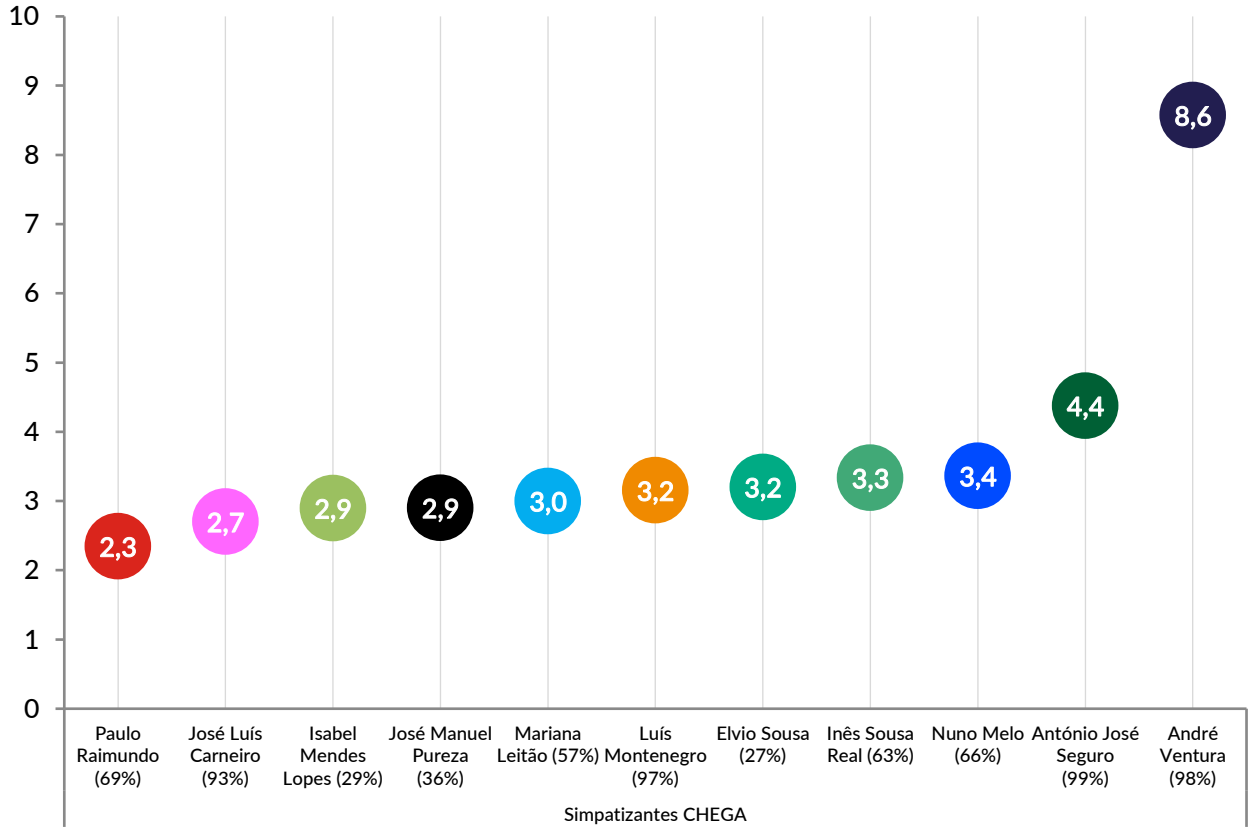
Recolha: 16 a 25 de outubro de 2026.

Observa-se uma maior variação nas avaliações médias das 11 figuras políticas sob análise entre os inquiridos posicionados à esquerda (valores entre 1,4 e 7,2) que entre os posicionados à direita (valores entre 2,5 e 5,6). No primeiro grupo, apenas António José Seguro (7,2) e José Luís Carneiro (6,1) receberam avaliações médias positivas, existindo uma diferença de 2,1 pontos entre este último e as figuras políticas que surgem em terceiro lugar (Inês Sousa Real e José Manuel Pureza, ambos com uma média de 4). De destacar a avaliação particularmente negativa que André Ventura recebe neste subgrupo (1,4). Entre os inquiridos de direita, Ventura apresenta uma avaliação média mais positiva (5,6) que Luís Montenegro (4,9), situando-se o Presidente da República mais próximo do líder do Chega (5,4). As avaliações das restantes figuras políticas variam entre 2,5 (Paulo Raimundo) e 4,1 (Nuno Melo).

15.3 Simpatizantes do Chega

Avaliação da atuação recente de líderes políticos, numa escala de 0 ("muito negativa") a 10 ("muito positiva")

Avaliação média dos inquiridos que simpatizam com o Chega; entre parêntesis, % de inquiridos que fazem avaliação.



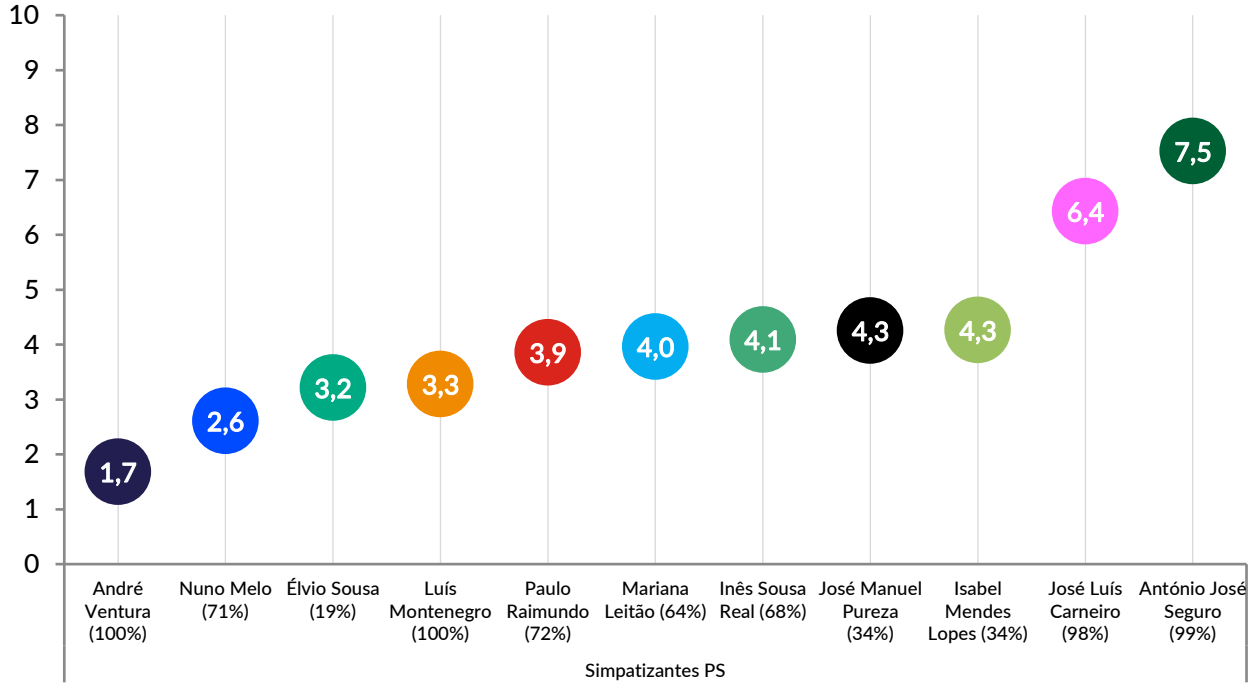
Recolha: 16 a 25 de outubro de 2026.

No grupo dos simpatizantes do Chega, o líder deste partido é a única figura política que foi alvo de uma avaliação média positiva (8,6). Seguem-se Seguro (4,4) e, um pouco mais abaixo, Melo (3,4), Sousa Real (3,3), Sousa e Montenegro (ambos com 3,2), Leitão (3), Pureza e Mendes Lopes (ambos com 2,9), Carneiro (2,7) e, por fim, Raimundo (2,3).

15.4 Simpatizantes do PS

Avaliação da atuação recente de líderes políticos, numa escala de 0 ("muito negativa") a 10 ("muito positiva")

Avaliação média dos inquiridos que simpatizam com o PS; entre parêntesis, % de inquiridos que fazem avaliação.



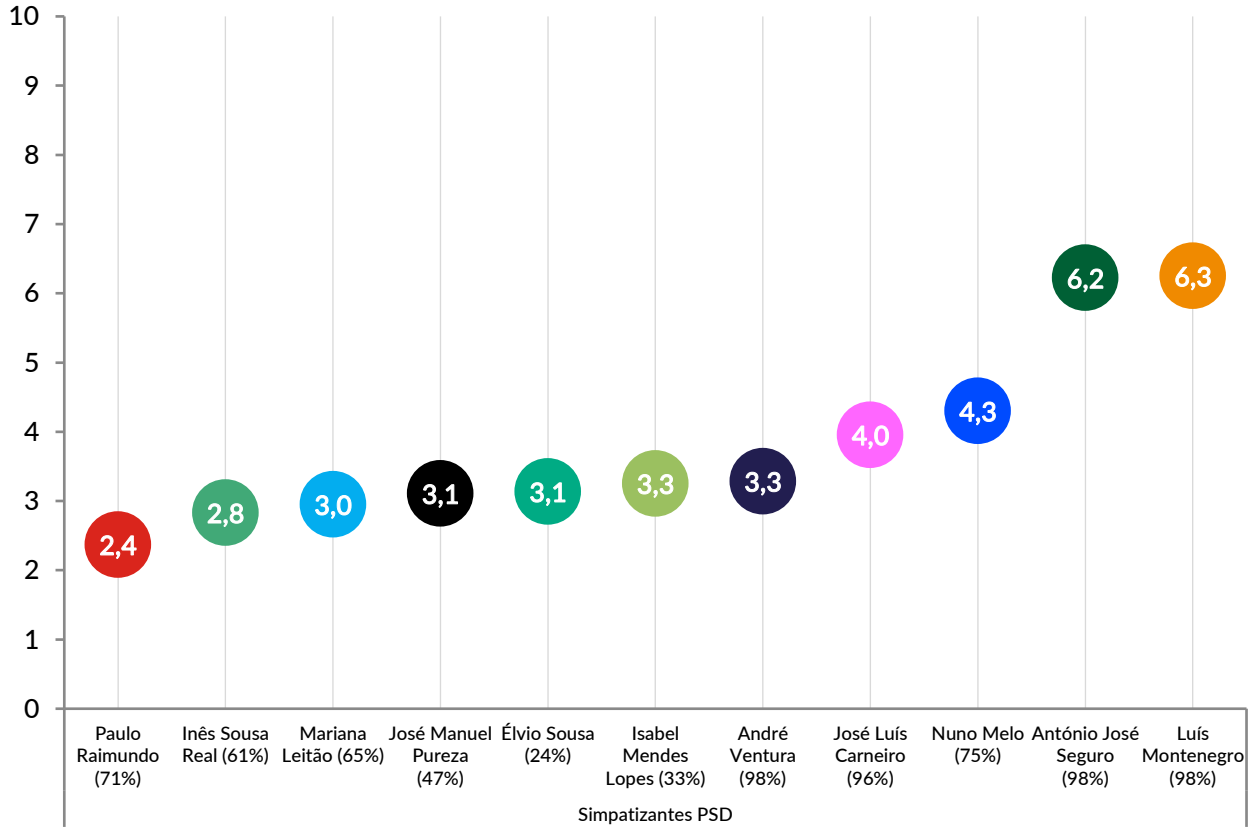
Recolha: 16 a 25 de outubro de 2026.

Entre os simpatizantes do PS, António José Seguro e José Luís Carneiro são os únicos que recebem avaliações médias positivas, com uma clara vantagem do primeiro face ao segundo (7,5 vs. 6,4). Seguem-se Pureza e Mendes Lopes (ambos com 4,3), Sousa Real (4,1), Leitão (4), Raimundo (3,9), Montenegro (3,3), Sousa (3,2), Melo (2,6) e, por fim, Ventura (1,7).

15.5 Simpatizantes do PSD

Avaliação da atuação recente de líderes políticos, numa escala de 0 ("muito negativa") a 10 ("muito positiva")

Avaliação média dos inquiridos que simpatizam com o PSD; entre parêntesis, % de inquiridos que fazem avaliação.



Recolha: 16 a 25 de outubro de 2026.

Por fim, no grupo dos simpatizantes do PSD, Luís Montenegro e António José Seguro receberam avaliações médias positivas e muito semelhantes (6,3 e 6,2, respetivamente). Seguem-se, já abaixo do ponto central da escala, Melo (4,3), Carneiro (4), Ventura e Mendes Lopes (ambos com 3,3), Pureza e Sousa (ambos com 3,1), Leitão (3), Sousa Real (2,8) e Raimundo (2,4).


LISBOA
UNIVERSIDADE
DE LISBOA

ICS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

iscte
INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

SIC

Expresso

GfK